

# Eventos literários, formação de leitores e intermedialidade: as práticas de leitura na 10ª Festa Literária de Boqueirão

Iasmin Mendes<sup>i</sup>

## RESUMO

Este artigo aponta e analisa, de uma perspectiva intermedial, as diversas linguagens artísticas presentes na programação da 10ª Festa Literária de Boqueirão. Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso, pautado em uma pesquisa documental, com foco no estudo da programação da FLIBO 2019. Como fundamentação teórica, nos embasamos em Rajewsky (2012), Santaella (2014), Rösing (2017) e Bordini e Aguiar (1988). A partir da análise da programação da 10ª FLIBO foi possível perceber o diálogo da literatura com outras linguagens, além do diálogo entre gêneros literários diversos, como a literatura de cordel, ficção científica e literatura fantástica. Este panorama é possível por causa das novas possibilidades de leituras e leitores do mundo contemporâneo e pode beneficiar o evento literário em seu objetivo de formar leitores.

**Palavras-chave:** Festa Literária de Boqueirão; Intermedialidade; Leitores Ubíquos; Formação de Leitores.

## ABSTRACT

This article points out and analyzes, from an intermedial perspective, the various artistic languages present in the programming of the 10th Boqueirão Literary Festival. Methodologically, it is a case study, based on documentary research, focusing on the study of the programming of FLIBO 2019. As a theoretical basis, we rely on Rajewsky (2012), Santaella (2014), Rösing (2017) and Bordini and Aguiar (1988). From the analysis of the programming of the 10th FLIBO, it was possible to perceive the dialogue between literature and other languages, in addition to the dialogue between different literary genres, such as string literature, science fiction and fantastic literature. This panorama is possible because of the new possibilities for readings and readers in the contemporary world and can benefit the literary event in its goal of training readers.

**Keywords:** Festa Literária de Boqueirão; Intermediality; Ubiquitous Readers, Readers Development.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É organizadora da Feira Literária de Campina Grande (FLIC).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6113-4318> | [iasminabmendes@gmail.com](mailto:iasminabmendes@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Os eventos literários surgiram no Brasil como iniciativa de editoras, que tinham como objetivo comercializar seus livros (LINDOSO, 2013), o que fazia com que tais iniciativas tivessem um formato predominantemente mercadológico. Este primeiro viés pode ser exemplificado pelas bienais, especialmente a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Nelas, o papel do escritor era promocional: divulgar seu produto.

Com o passar do tempo, tais iniciativas passaram a conter, além da venda de livros, algumas atividades paralelas que possibilitam o encontro entre escritores e leitores, como mesas redondas, debates, palestras e bate-papos, o que modificou tanto o papel do escritor, quanto o formato dos eventos. Estes passaram também a incluir em sua programação outras linguagens artísticas, como cinema, teatro e música, adquirindo um caráter mais amplamente ligado a outras atividades culturais não restritas às literárias. Este segundo viés ganha seu maior exemplo em 2003: a Festa Literária Internacional de Paraty.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS) inaugura um terceiro viés de eventos literários, os quais são caracterizados por sua abordagem educativa e de forte atuação nas escolas. A Jornada é promovida, desde 1981, pela Universidade de Passo Fundo em conjunto com a Prefeitura Municipal e tem como objetivo a formação de um leitor que priorize o texto literário. Para isto, dentre suas várias iniciativas, cabe destacar as pré-jornadas, nas quais os autores convidados indicam obras que devem ser lidas pela população para incitar uma discussão mais rica quando do desenvolvimento do evento. Essas obras são levadas a professores e alunos, que participam de uma preparação para a Jornada bianual.

Não temos como objetivo hierarquizar os três vieses e é importante frisar que eles coexistem. Um só evento pode, portanto, conter características mercadológicas, culturais e educativas.

A Festa Literária de Boqueirão (FLIBO), sediada pela cidade paraibana de 17 mil habitantes desde 2010, se distancia do primeiro viés, pois o espaço que concede para a comercialização de livros é restrito e, por isso, se aproxima do viés cultural, pois inclui em sua programação atrações de diversas linguagens artísticas e se identifica com o

caráter educativo porque mantém diálogo constante com as escolas da cidade, levando autores para conhecer as crianças e levando as crianças para se apresentarem na Festa.

Ao nos questionarmos o que impulsionou a ascensão dos vieses culturais e educativos dos eventos literários, percebemos que um dos motivos foi a modificação nas práticas de leitura que vem ocorrendo ao longo dos anos. Essas mudanças perpassam o suporte da leitura, a posição social dos leitores, os interesses políticos do Governo e muito mais. Para Chartier (2001), as práticas de leitura não são homogêneas, pois variam temporal e espacialmente.

Podemos exemplificar essas mudanças nas práticas de leitura através da passagem da leitura oral, compartilhada, à leitura individual. Esta, por estar alinhada com a escrita, ganhou predominância, principalmente nos centros urbanos. Com uma quantidade maior de pessoas alfabetizadas e com a disseminação dos livros, os leitores passaram a ter acesso a uma leitura sem mediação, o que foi e é muito importante para a independência e maturação do sujeito leitor. Segundo Chartier (1999), o leitor passa a ser mais livre e as leituras, mais desordenadas e menos controladas.

A leitura coletiva se dava quando havia pouca alfabetização e oferecia uma liberdade menor ao leitor. Muito utilizada nos meios eclesiásticos, em que a palavra de Deus era concedida a poucos e cabia a estes compartilhá-la aos demais. A oralidade também esteve muito presente na formação leitora do Nordeste, através da literatura de cordel; muitas vezes, não havia nem o suporte físico; cordel era contado (ou cantado) a partir da memória do cordelista/cantador. Petit (2008, p. 28) define esta prática como uma “atividade para enredar as pessoas na malha das palavras” e mostra o viés da leitura oral ligado à sociabilidade.

Os eventos literários retomam a sociabilidade, principalmente a partir do seu caráter cultural e trazem, assim, o melhor de dois mundos. Permitem o resgate da perspectiva coletiva da leitura, na medida em que há declamações, saraus, discussões sobre livros etc., mas, por outro lado, estimula a criticidade e autonomia do leitor, valorizando também o objeto livro e a sua apropriação pelo público do evento.

É importante frisar que a leitura coletiva é mais democrática, pois permite o acesso daqueles que não se apropriaram do código escrito. Apesar da diminuição do número de analfabetos no Brasil e no mundo, sabemos que há ainda um grupo de pessoas, em geral pertencente às camadas menos privilegiadas, que não dominam o texto escrito. Isso

permite que haja manutenção de poder nas mãos daquele outro grupo que domina a cultura escrita e se beneficia dela. Além disso, Soares (2008) afirma que o Brasil é um país de livros caros para pessoas pobres e, portanto, a aquisição do objeto livro ainda é uma atividade mais possível para as classes mais abastadas. O meio digital permite o acesso gratuito a algumas obras, como as de domínio público, por exemplo, mas, considerando a exclusão digital, isto não é suficiente para afirmarmos que todas as pessoas têm a mesma facilidade de acesso à literatura.

Retomando a discussão sobre práticas leitoras, podemos afirmar que elas, bem como as práticas sociais, são, atualmente, mais dinâmicas e plurais do que eram. Perpassamos, em todas as nossas atividades, diferentes mídias e nos inserimos em diversas culturas. A sociedade ocidental, de forma geral, passou de uma sociedade de cultura oral para uma de cultura escrita; porém, quando vamos analisar como nos encontramos hoje, não podemos nos categorizar como pertencentes a uma única cultura.

Santaella (2014, p. 128-129) afirma que

vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de cultura, em um caldeirão imenso de misturas: a cultura oral que ainda persiste com força indiscutível, intensificada pela sua integração nos meios audiovisuais, principalmente o cinema e a televisão; a escrita, que se evidencia na multiplicidade das manifestações dos tipos gráficos e do design; a cultura impressa, que povoa as bibliotecas e os quiosques com suas profusões de manchetes e capas coloridas, fígando a atenção de transeuntes apressados; a cultura de massas, que, longe de perder o seu poder, aprendeu a conviver com as suas competidoras, tanto a cultura das mídias, que é a cultura do disponível, quanto a cibercultura, que é a cultura do acesso.

É neste panorama que a FLIBO está inserida e é neste contexto em que ela deve atuar; um contexto, no qual, segundo Chartier (1999, p.31), “a leitura, aparentemente passiva e submissa, é, em si, inventiva e criativa”. Por isso, através desta pesquisa, buscamos compreender quais linguagens são apresentadas na programação da Festa Literária de Boqueirão e como isto pode contribuir para a formação de leitores literários.

## **INTERMIDIALIDADE: OS LEITORES UBÍQUOS**

Mas, afinal, quem são esses leitores da contemporaneidade? Como percebemos, as práticas de leitura se modificam ao longo do tempo, o que modifica também o perfil dos leitores. Santaella (2014) categoriza os leitores considerando as novas formas de

comunicação que surgem nos espaços modernos e contemporâneos. Ela caracteriza como leitor contemplativo, leitor meditativo da idade pré-industrial, aquele que tem uma relação íntima com seu livro. A modernidade traz o leitor movente, graças ao excesso de estímulos, imagens e linguagens que oferece ao sujeito moderno; é o leitor ágil, mas de memória curta. Para Santaella (2014, p. 31), “esse leitor aprendeu a transitar linguagens”. A internet, enquanto rede mundial de computadores, possibilita o surgimento do leitor imersivo, que está envolvido com roteiros multilineares e conecta diversos fragmentos.

Por fim, Santaella (2014) define o leitor ubíquo, aquele que está em todo lugar a qualquer momento. Para ela, “o que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle de sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado”; é o leitor de constante atenção parcial, extremamente imagético e que leva ao extremo a capacidade do leitor movente de transitar entre linguagens.

Quais são essas linguagens? De que forma elas se relacionam entre si e com o leitor? Algumas das respostas para estas perguntas podem estar no conceito intermedialidade. Esse conceito é, hoje, utilizado em vários campos de saber, mas, considerando que nosso foco é a literatura, referenciamos Rajewsky (2012, 2012a), cuja pesquisa é de intermedialidade e estudos literários, em paralelo com estudos interartes.

Primeiramente, devemos pensar que cada linguagem, artística ou não, é veiculada por uma mídia, ou seja, por um suporte e cada mídia tem uma materialidade específica (livro, internet, voz, corpo etc.). A literatura, em geral, é veiculada pela mídia livro, mas há várias outras possibilidades, como a transmissão oral ou o ambiente virtual. Essas mídias (e linguagens) podem interagir umas com as outras de diversas maneiras. Sendo assim, “a intermedialidade refere-se às relações entre mídias, às interações e interferências de cunho midiático” (RAJEWSKY, 2012a).

Para Bordini e Aguiar (1988, p.11) essas mídias veiculam textos, que podem ser conceituados como

todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos através de alguma substância física. Portanto, cinema, televisão, vestuário, esportes, cozinha, moda, artesanato, jornais, falas, literatura partilham da qualidade de textos.

Percebemos, portanto, que a intermedialidade relaciona diferentes textos. Segundo Rajewsky (2012, 2012a), esta relação pode acontecer de três formas:

a) Transposição midiática: acontece quando a mensagem passa de uma mídia para a outra. Exemplo: filmes, séries ou programas que são adaptações de livros. Neste caso, há a materialidade das duas mídias, mas elas não coexistem. O *Sítio do Picapau*, por exemplo, foi adaptado para um seriado na Globo.

b) Combinação de mídias: refere-se a um produto que envolve mais de uma mídia, em que ambas têm materialidade. Exemplo: uma leitura dramatizada de um livro ou uma contação de história em que o livro esteja presente;

c) Referência intermidiática: quando se utiliza uma mídia, mas faz-se referência a outras. Neste caso, apenas a mídia que faz referência aparece em sua materialidade; a mídia referenciada, não. Exemplo: uma palestra sobre um livro, um filme ou série que cita livros, como a série *Anne with an E*, na *Netflix*, em que a protagonista é leitora assídua e referencia várias obras e escritores durante os episódios.

Em nenhum dos casos citados, houve o contato direto do leitor com o livro e é isso que acontece na maior parte do tempo nos eventos literários. Mesmo quando o livro é adquirido ali, aquele espaço não é de leitura individual, mas de compartilhamento de leituras, referências a livros e discussões sobre literatura. Rajewsky (2012, 2012a) faz uma reflexão sobre o que ela chama de remediação ou de “como se”. Em eventos literários, é “como se” o leitor estivesse experienciando a leitura, mas não é exatamente isso que acontece naquele lugar, naquele instante.

O que isso nos diz em relação à intermedialidade, aos eventos literários e à formação de leitores? Podemos dizer que a formação de leitores em eventos literários não é um resultado imediato. Porém, quando o sujeito tem acesso a uma palestra, contação de história, peça de teatro, ou, ao menos, quando ele está em um ambiente todo contextualizado em relação à literatura, ele direciona seu olhar ao universo da literatura e pode, com maior probabilidade, recorrer a ele. Por exemplo, quando uma criança assiste a uma apresentação de teatro ou de dança que tenha um personagem literário, como a Emília, apesar de haver pouco da narrativa de Monteiro Lobato, há uma referência, através da personagem, e a Emília entra no horizonte de expectativa da criança. Desta forma, quando ela tem contato com um livro do *Sítio do Picapau Amarelo*, pode haver maior identificação, curiosidade e entusiasmo, do que haveria caso não houvesse existido

a experiência intermediária anterior. O mesmo raciocínio acontece em relação ao programa de TV baseado na obra de Lobato, retomando o exemplo de transposição midiática dado acima. Quantas crianças não tiveram acesso à obra literária do Sítio em decorrência da visibilidade possibilitada pela rede Globo?

Não se trata aqui de submeter a literatura a outras linguagens, mas perceber que este processo pode ser favorável, pode ser uma possibilidade, para a formação de leitores literários. Justificamos este ponto de vista baseados na noção de Bordini e Aguiar (1988) de que o leitor, ao interagir com o texto, carrega toda a sua bagagem cultural, adquirida através das várias vivências que compõem a sua história. Para as autoras, a experiência de leitura só é completa na recepção do sujeito leitor, que compreende o texto a partir de sua visão do mundo.

Esse ponto de vista se alinha com a proposta de Paulo Freire (1989) de que a leitura da palavra e a leitura do mundo são indissociáveis. O que é, então, a leitura do mundo? Trata-se das referências sociais, intelectuais, ideológicas e linguísticas acumuladas por todos nós. Jauss (1994) chama tais referências de horizontes de expectativas. Uma formação leitora eficaz deve permitir que o texto seja compatível com os horizontes de expectativas do leitor e, mais importante que isso, expanda-os.

Segundo o método recepcional de Bordini e Aguiar (1988, p. 88), “o professor deve propor textos cujos temas e/ou composições sejam muito procurados ou na própria literatura ou em outros meios de expressão, como televisão, quadrinhos, folclore, espetáculos”. Apresentar temas que permeiam o meio literário, através da intermedialidade, portanto, dá mais repertório ao público, que ampliará seus horizontes de expectativas e, ao se deparar com a obra literária, pode se sentir mais à vontade para dialogar com ela.

## **A 10ª FLIBO E SUAS LINGUAGENS: PARA ALÉM DA LITERATURA**

Nas dez edições da Festa Literária de Boqueirão, é clara a presença de diversas mídias e linguagens. Para este artigo, optamos por uma análise mais pontual da

intermedialidade na 10ª edição da FLIBO, que aconteceu entre 11 e 14 de setembro de 2019.

Diante da pesquisa documental realizada, elencamos dezesseis componentes da programação da festa literária para analisar a perspectiva intermidiática da FLIBO 2019. Abaixo dispomos de cada componente, explicitando o formato em que foi desenvolvido, o tema, tal qual foi exposto na programação, e as linguagens artísticas englobadas.

**Quadro 1:** Intermidialidade na programação da 10ª Festa Literária de Boqueirão

<b>Formato</b>	<b>Tema</b>	<b>Linguagem</b>
Apresentação musical	Filarmônica Nossa Senhora do Desterro	Música
Palestra	<i>Bráulio Tavares, da tradição popular à ficção científica</i>	Oralidade, cordel, livro/ficção científica
Apresentação musical	Música na praça: Banda Sona	Música
Contação de histórias	Grupo Contação de Rua	Contação de histórias, livro
Apresentação cultural	Minha Escola na FLIBO	Música, arte visual, teatro, declamação, leitura, livro
Bate-papo	A literatura fantástica no Nordeste brasileiro através do livro <i>Riacho do Jerimum</i>	Livro (literatura fantástica e cordel)
Bate-papo	<i>Do cordel ao cinema: o Nordeste em Cena</i>	Cinema, cordel
Bate-papo	Jornalismo Cultural e Produção Literária na Paraíba	Livros, jornalismo
Mesa redonda	Da folha de caderno às páginas do livro: quais os caminhos da publicação na educação pública?	Livros
Bate-papo	Literatura de Viagem	Livros (literatura de viagem)
Apresentação de teatro	Espetáculo Griôt - Companhia Café com Pão	Teatro, oralidade, música, livro
Apresentação musical	Música na Praça: Kaline Bertino // Buzão da Farra	Música



Apresentação cultural	Espaço Nordeste: Cariri em Verso e Prosa // Palco Aberto para poetas declamadores	Declamação, cordel
Apresentação de dança	Companhia Raízes	Dança
Apresentação cultural	Coletivo Cordel Paraíba	Cordel, música, declamação
Apresentação musical	Música na Praça: Samba Tap // Lara Amélia	Música, dança
Oficina	<i>Cordelando cordéis rítmicos</i>	Cordel, música
Oficina	<i>Entre Filomenas e Sebastianas, a produção cultural e as mulheres nas músicas de Jackson do Pandeiro</i>	Música
Minicurso	<i>As violências físicas e simbólicas contra a mulher na música popular brasileira: dos primórdios aos Aviões do Forró</i>	Música
Oficina	<i>(Re)Conto e Contação de Histórias com Fantoques</i>	Contação de histórias, teatro.
Oficina	Confecção de xilogravuras adaptadas.	Arte visual (xilogravura), poesia
Oficina	Vamos desenhar poesia? Haicai	Arte visual (desenho), poesia
Oficina	Poesia e Performance	Poesia, teatro

Fonte: produzido pela autora. Programação disponível em: <http://paraiabadebate.com.br/veja-boqueirao-inicia-10a-festa-literaria-nesta-quarta-11/>

Optamos por analisar as atividades da Festa Literária de Boqueirão que podem ser caracterizadas a partir do conceito de intermedialidade através de dois parâmetros: o formato da atividade e o tema. Nosso propósito é classificar algumas das atividades na categorização de Rajewsky sobre intermedialidade. As categorias são **Transposição Midiática**, **Comunicação de Mídias** e **Referência Intermediática**. Para facilitar a compreensão do leitor, optamos por colocar as categorias em **negrito** ao longo da análise, a partir de agora.

Em relação ao formato, apontamos: apresentação musical, cultural, de dança e de teatro, palestra, contação de histórias, oficina, minicurso, bate-papo e mesa redonda. Lembrando que, para Bordini e Aguiar (1988), todos esses formatos perpassam o texto, em suas diferentes concepções. As apresentações musicais e de dança têm como linguagem a música e a dança. Considerando as atrações, percebemos que elas não mantêm relação direta com a literatura e podem ter como objetivo enriquecer a programação da Festa para atrair o público. Isto acontece porque, como vimos no início do artigo, a partir da segunda geração de eventos literários no Brasil, há a introdução de uma perspectiva cultural, na qual são abrangidas atividades como essas. Destacamos que a música, quando cantada, parte de um texto literário, sendo considerada por alguns, um gênero específico. A apresentação de teatro também parte de um texto literário e se materializa através da linguagem cênica.

As apresentações culturais, envolvem diversas linguagens: o Coletivo Cordel Paraíba tem como objetivo apresentar a literatura de cordel através da declamação e música, havendo, portanto, **Combinação de Mídias**. O Espaço Nordeste também traz espaço para declamadores e repentistas. Já a Minha Escola na FLIBO trata da apresentação de crianças como culminância do trabalho desenvolvido na escola durante o ano. Essa apresentação pode ser feita através de música, declamação, contação de história, teatro, dança e pode ou não estar relacionada a um texto literário específico.

Há ainda o formato Contação de História que retoma a tradição oral. Neste caso, o texto literário se materializa através da oralidade do contador de histórias. A contação pode ser classificada como **Transposição Midiática** caso não haja a presença do livro e o contador opte por transpor a história escrita em linguagem cênica e **Combinação de Mídia**, quando há o objeto livro, mas também há a linguagem cênica proposta pelo contador.

Os bate-papos, palestras, mesas redondas, oficinas e minicursos apresentam um tom mais informativo, têm como materialidade a oralidade e, por abordarem como tema a literatura, se utilizam da **Referência Intermidiática** para refletir, analisar, discutir, debater uma obra, um autor ou um conceito relacionado aos livros e à leitura.

Nosso segundo parâmetro é o tema das atividades divulgadas na programação da FLIBO. Entre os temas das discussões, houve a presença de diferentes gêneros textuais pertencentes ao domínio discursivo literário, a saber: ficção científica, literatura de

viagem, literatura fantástica, poesia, entre outros, o que denota diversidade. Apesar de nosso foco ser a diversidade de mídias e não de gêneros, cabe destacar que essa diversidade, além de atender públicos com diferentes interesses, também contribui para a expansão dos horizontes de expectativas do público, apresentando-o textos diversos.

Pensando mais especificamente sobre a intermedialidade, percebemos que os temas das atividades da Festa, muitas vezes, trazem a literatura em diálogo com outra linguagem ou arte. No parâmetro anterior (formato), observamos que a apresentação teatral por si só parte de um texto literário. Porém, nos atendo ao tema da apresentação de teatro em questão, percebemos que o espetáculo Griôt, da Companhia Café com Pão, traz um exemplo de intermedialidade. Segue a sinopse da peça:

Griôt, espetáculo inspirado no conto africano “Os comedores de Palavras”. Trazendo a história de um menino que perde o pai, um grande e conhecido Griôt (contador de histórias) que foi levado pelo Monstro Engolidor de Gentes e acaba se vendo só, acompanhado de um tambor, mas em sua desilusão e procura, ele descobre o fio responsável de guiar o seu caminho e encontrar o seu verdadeiro destino. O espetáculo passeia pelas cantigas populares do universo africano trazendo através da encenação à prática pertencente nas mais variadas culturas, a oralidade e a arte de contar histórias, passando assim de geração a geração as tradições de seus povos. (Texto das redes institucionais da companhia)

De acordo com a sinopse, podemos inferir que, na apresentação, há **Referência Intermidiática** ao conto “os comedores de palavras” e ainda às cantigas populares, à oralidade e à arte de contar histórias, além da **Combinação entre as Mídias** teatro, música e declamação. Temos, portanto, duas categorias de intermedialidade.

Os bate-papos, palestras, mesas redondas e minicursos trazem **Referência Midiática** ao falar sobre literatura. O bate-papo *Do Cordel ao Cinema: o Nordeste em Cena* referencia uma outra linguagem: o cinema. O minicurso *As violências físicas e simbólicas contra a mulher na música popular brasileira: dos primórdios aos Aviões do Forró* traz referência à mídia música.

As oficinas merecem um olhar ainda mais atento. Todas elas trazem a **Combinação** entre a literatura e outra mídia ou a **Referência** à outra mídia além da literatura ou, ainda, a **Transposição** de uma mídia em outra. Quais dessas categorias foram utilizadas em cada atividade seria possível dizer apenas com a análise da oficina na íntegra, mas podemos apontar as linguagens utilizadas e supor, a partir do tema, como

foi feita a interação, lembrando que as oficinas têm como objetivo resultar em um produto. Vamos analisar!

Na oficina *Cordelando cordéis rítmicos*, há a presença de duas linguagens: cordéis e música. Caso tenha havido a musicalização de um cordel, temos a **Transposição Midiática** como categoria principal. Em *Entre Filomenas e Sebastianas, a produção cultural e as mulheres nas músicas de Jackson do Pandeiro*, percebemos a **Referência Midiática** relacionada às músicas do Rei do Ritmo. Em *(Re)Conto e Contação de histórias com Fantoches*, temos **Transposição Midiática** do texto literário para o teatro de fantoches. Em *Confecção de Xilogravuras*, temos a **Combinação de Mídias** (literatura e arte visual). Na oficina *Vamos desenhar poesia?*, podemos ter **Combinação de Mídias** ou **Transposição Midiática**. No primeiro caso, os desenhos acompanham o texto literário; no segundo, o substituem. Por fim, em *Poesia e Performance*, é possível que haja qualquer uma das categorias, relacionando literatura e arte cênica, a depender da condução do facilitador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, a partir da teoria visitada e do estudo do caso relativo à 10ª Festa Literária de Boqueirão, que existe a potencialidade de relacionar diferentes mídias em eventos literários, através de suas três categorias: a) transposição intermidiática; b) combinação de mídias e c) referência intermidiática.

De acordo com os dados analisados, além da Literatura, houve, na X FLIBO, a presença de grande variedade de linguagens, tais como música, teatro, dança, oralidade, declamação, contação de histórias etc. Na maioria das vezes, estas linguagens se relacionam ao universo literário seja por seu formato ou tema, mas, quando não, isto é justificado pelo caráter cultural que têm alguns eventos literários no Brasil, inclusive este em questão.

A intermedialidade é possível porque os leitores contemporâneos, como afirma Santaella (2014), não se limitam a serem leitores contemplativos. Em sua maioria, são leitores ubíquos, que dialogam com diversas linguagens. Além disso, o acesso a diferentes textos, linguagens e mídias aumenta o repertório cultural, e, portanto, a leitura de mundo e horizontes de expectativas do público, o que, segundo Bordini e Aguiar (1998, p. 13), é

importante na recepção de textos literários. Segundo as autoras, “[a]s soluções possíveis (para questões relacionadas à leitura) se orientam para o pluralismo cultural, ou seja, a oferta de textos vários, que deem conta das diferentes representações sociais”.

Percebemos também que o diálogo com outras linguagens que extrapolem a língua escrita permite que pessoas que não dominem este código façam parte do evento e se aproximem da literatura.

Defendemos que, ao falar de formação de leitores, ampliemos nossos olhares e percebamos de que forma outras linguagens podem contribuir para este processo. Por fim, salientamos que isso não significa menosprezar o objeto livro ou a leitura literária da mídia escrita, significa, por outro lado, abranger outras possibilidades e utilizar outras estratégias sempre com o propósito de aproximar o leitor e a literatura.

## **Referências**

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera. *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: [https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf) Acesso em: 21 abr. 2021.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”. In.: DINIZ, Thaís (Org). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In.: DINIZ, Thaís. VIEIRA, André.

*Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Vol. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a.

RÖSING, Tania. A criação do centro de referência em literatura e multimeios. In.: \_\_\_\_\_. *Mundo da Leitura 20 anos*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2017. Disponível em: [http://editora.upf.br/images/MundoDaLeitura/PDF/20\\_anos\\_mundo\\_da\\_leitura\\_2017.pdf](http://editora.upf.br/images/MundoDaLeitura/PDF/20_anos_mundo_da_leitura_2017.pdf) Acesso em: 15 jul. 2020.

SANTAELLA, Lucia. *O leitor ubíquo e suas consequências para a educação*. 2014. Disponível em: [https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2\\_01\\_O-leitor-ubiquo.pdf](https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf) Acesso em: 15 jul. 2020

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

Recebido em: 10/05/2021

Aceito em: 09/08/2021